

## PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS ESPORTES ADAPTADOS NO ENSINO MÉDIO

Bárbara Liana Oliveira e Oliveira <sup>1</sup>  
Gabriel Santos da Costa <sup>2</sup>  
Cleidison Machado Santana <sup>3</sup>  
Viviane Rocha Viana <sup>4</sup>

### RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência realizado no Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito, na cidade de Alagoinhas-Ba. As atividades foram realizadas com duas turmas do 3.º ano de Ensino Médio, turno matutino, a qual constava 93 alunos, entre os meses de março e abril de 2023. O objetivo do trabalho se dá por discutir a relevância social de se trabalhar com os esportes adaptados na Educação Física escolar. Trata-se de uma pesquisa de caráter misto, na qual foi desenvolvido um questionário através do *Google Forms* para coleta de dados e um total de 39 discentes responderam ao questionário. Conclui-se que os alunos tiveram experiências que saíram da zona de conforto, e que, contribuíram significativamente para seu pensamento crítico diante não só da escola como também da sociedade.

**Palavras-chave:** Esportes adaptados, Educação Física, Pessoas com deficiência.

### INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica (RP) surge em 2008, através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, visando fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura (Brasil, 2018).

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência realizado no Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito (CELNB), na cidade de Alagoinhas-Ba. As atividades foram realizadas com duas turmas do 3º ano de Ensino Médio, a qual constava 93 alunos, nos meses de março e abril de 2023. O objetivo geral do trabalho se dá por discutir a relevância social de se trabalhar com os esportes adaptados na Educação Física escolar.

A Educação Física durante sua trajetória esteve ligada a aspectos políticos, da disciplina do corpo e da busca pelo belo, pouco trabalhando o que tange as questões sociais. Desta forma,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, babiiiana@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, gabrielsnt costa@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestrando do curso de Educação Física, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, cleidison.santana@nova.educacao.ba.gov.br

<sup>4</sup> Docente orientadora; Doutora; Universidade do Estado da Bahia – UNEB; vviana@uneb.br

é imprescindível a desconstrução do pensamento da disciplina ligada somente a questões físicas do corpo perfeito, onde ela deve abranger a todos os corpos.

O trabalho reflete a sua importância e relevância em três aspectos principais: teórico, buscando assim contribuir para uma aproximação da Educação Física e esportes adaptados; prático, pois, por se tratar de um relato de experiência, evidenciaremos ao longo da nossa pesquisa, além da metodologia utilizada, o processo avaliativo, direcionamentos que podem servir de exemplo para outros docentes; e, por fim, e não menos importante, sua relevância por ser um trabalho extremamente viável de ser posto em prática.

Trata-se de uma pesquisa mista, na qual foi desenvolvido um questionário através do *Google Forms* para coleta de informações, onde por meio de 11 questões (abertas e fechadas) objetivamos entender como essa intervenção pode contribuir para a vida social destes alunos. No total, 39 alunos do 3.º ano matutino responderam ao questionário.

Através do questionário, pudemos conhecer a realidade dos alunos, onde muitos afirmam não terem tido vivências com os esportes adaptados ao longo de seu ensino básico. Foi despertado neles também reflexões acerca do ambiente escolar, como, por exemplo, a acessibilidade, se o colégio está preparado para receber pessoas com deficiências. Por fim, levamos os alunos a exercerem seu pensamento crítico diante da importância de se trabalhar com os esportes adaptados e da discussão acerca da temática.

## **METODOLOGIA**

Segundo Piana (2009, p. 167), “[...] não existe pesquisa sem o apoio de técnicas e de instrumentos metodológicos adequados, que possibilitem a aproximação ao objeto de estudo”. Desta forma, o presente trabalho se caracteriza por ser uma pesquisa mista, que, segundo Galvão et. al (2017), combina os métodos qualitativos e quantitativos.

As atividades foram desenvolvidas no CELNB, na cidade de Alagoinhas-Ba, em duas turmas do 3.º ano do Ensino Médio. O eixo temático escolhido foram os esportes adaptados, tendo em vista o Documento Curricular Referencial Da Bahia para o Ensino Médio (Bahia, 2022)

O levantamento bibliográfico foi iniciado com o planejamento das aulas, onde foram realizadas pesquisas que correlacionam a Educação Física e os esportes adaptados para desenvolvimento de um referencial que possibilitasse a aproximação e a compreensão das temáticas. Os artigos utilizados foram localizados a partir das seguintes palavras-chave:

educação física, esportes, esportes adaptados, pessoas com deficiência e educação física escolar. Os artigos analisados datam entre os anos de 1985 a 2022.

As aulas foram baseadas na pedagogia crítico-emancipatória, na qual, segundo Kunz (2004), o aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para a sua participação na vida social, cultural e esportiva. No total, foram desenvolvidas 9 aulas, de 50 minutos cada, nos meses de março e abril de 2023. Vale ressaltar que as duas turmas tinham aula de Educação Física no mesmo dia. O quadro 1, apresenta de que forma as aulas foram distribuídas:

**Quadro 1 – Organização das aulas**

<b>Data</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objetivos atingidos</b>
06/03/2023	Jogos, esportes e esportes adaptados	Nesta aula introdutória, foram trabalhados os conceitos de jogos, esportes e esportes adaptados para que assim os alunos pudessem diferenciá-los. Origem, classificação e exemplos também foram discutidos nesta aula.
13/03/2023	Atletismo	A aula teórico-prática permitiu com que os alunos tivessem vivências do atletismo de forma adaptada, em dupla. Nesta aula, foi trabalhada a marcha atlética e educativos para corrida.
20/03/2023	Caminhada vendada	Em dupla, os alunos passaram pela experiência de poder se locomover pelo colégio em ambientes mais frequentados por eles. Os alunos fizeram revezamento, enquanto um estava vendado, o outro servia de guia. Ao final da aula, os alunos foram questionados sobre a experiência que tiveram.
27/03/2023	Esportes Adaptados	Nesta aula, os alunos conheceram mais sobre a história e fundamentos dos seguintes esportes adaptados: vôlei sentado, fut 5, golbol, boliche adaptado e o atletismo. Durante a aula os alunos foram separados em grupos para os seminários teórico-prático, onde todos os alunos deveriam participar das atividades propostas pelos grupos.
03/04/2023	Vôlei sentado, fut 5 e golbol.	Aula teórico-prática proposta pelos alunos, onde cada grupo explicou a atividade e incentivou a participação da turma.
10/04/2023	Boliche adaptado e atletismo	Continuação da aula teórico-prática proposta pelos alunos, onde cada grupo explicou a atividade e incentivou a participação da turma.
17/04/2023	Esportes adaptados	Na penúltima aula, buscou-se fazer uma revisão dos conteúdos trabalhados e, principalmente, fazer um momento de reflexão com os alunos.
24/04/2023	Avaliação	Avaliação final com consulta

Para aplicação do questionário, foi utilizada a plataforma online *Google Forms*, a qual possibilita a criação de formulários para pesquisas e coletas de informações. As turmas foram reunidas nos seus respectivos horários de aula de Educação Física e foi explicado o objetivo da

pesquisa, e, por conseguinte, o questionário enviado para os grupos de *WhatsApp* das turmas, onde cada aluno em seu aparelho celular respondeu ao questionário. Vale ressaltar também, que no questionário constava a autorização dos alunos para responderem à pesquisa.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar na Educação Física Escolar (EFE), enquanto conteúdo da cultura corporal (Coletivo de autores, 1992), é um desafio, principalmente quando pensamos esse corpo além dos conteúdos previstos nos documentos normativos que devemos seguir. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) fala que:

Nesse sentido, a área contribui para formar sujeitos capazes de usufruir, produzir e transformar a cultura corporal de movimento, tomando e sustentando decisões éticas, conscientes e reflexivas sobre o papel das práticas corporais em seu projeto de vida e na sociedade. Assim, eles poderão consolidar não somente a autonomia para a prática, mas também a tomada de posicionamentos críticos diante dos discursos sobre o corpo e a cultura corporal que circulam em diferentes campos da atividade humana. (BRASIL, 2018, p. 475-476)

Entretanto, é evidente que essa prática consciente, reflexiva e crítica deixou de incluir por muitas das vezes as Pessoas com Deficiência (PcD), principalmente no contexto escolar. Segundo o Coletivo de Autores (1992), nas aulas de Educação Física, na maioria das vezes excluí-se os alunos menos habilidosos e principalmente alunos com deficiência, mesmo sendo a cultura corporal um conjunto de conhecimentos adquiridos em cada sociedade sobre as variedades de se trabalhar com o corpo.

A literatura aponta que houve avanço nas discussões acerca da PcD nas aulas de EFE, mas existem lacunas em como isso ocorre, em como os profissionais lidam com a PcD em classes regulares, entre outras lacunas (Gomes; Almeida; Bracht, 2010). Entender essas lacunas é um desafio, e uma hipótese existente é que se essas pessoas não estão no ensino regular com os outros discentes, acabam sendo esquecidas ou uma não relevância de trabalhar com a temática.

Outro fator a se refletir é sobre uma prática pedagógica que inclua esses alunos. Ferreira, (2012, p.2) diz que é preciso “[...] buscar um melhor entendimento através de estratégias pedagógicas de inclusão nas aulas de educação física, visando uma maior integração do aluno com necessidade diferenciada no ambiente escolar, inserindo-os na cultura corporal”. Assim sendo, essa “pedagogia inclusiva” pode levar, conforme observa Ferreira (2012, p.2):

[...] a uma participação em grupo mais efetiva sem que haja uma discriminação, oferecendo aos alunos com deficiência condições de adaptação, participação, integração e socialização o mais próximo possível das condições de vida deles, utilizando-se das aulas de educação física para inseri-los no contexto das aulas da educação física escolar.

É preciso saber, pelos docentes, que existem caminhos e instrumentos pedagógicos que não reproduzam desigualdades e preconceitos, mas devemos pensar qual o tipo de docente queremos ser: o que replica preconceitos ou o que transforma seus alunos em agentes críticos da sociedade. Carmo (1985, p.39), destaca:

Cabe ao professor engajado na luta mais ampla, que excede o âmbito da escola e do sistema de ensino, escolher entre fazer de sua ação pedagógica um instrumento que apenas reproduz as violências educacionais (desigualdades, discriminação, preconceitos, etc.) ou torná-la uma poderosa arma de negação desta caótica situação.

Compreender que somente as discussões no campo teórico por si só não basta. É extremamente relevante que essa discussão e procedimentos cheguem as salas de aula, só assim teremos uma prática reflexiva com a intencionalidade de transformar a realidade. Trabalhar com a inclusão dentro da escola independe ou não de ter alunos com deficiência frequentando. Quem sabe um caminho viável para toda essa discussão seja a “Pedagogia Transdisciplinar”, ela aborda 4 pontos: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a viver junto. (Nicolescu, 1997; Soler, 2005; Cruz, 2005).

Sabe-se que o conteúdo esporte é um dos mais requisitados dentro do ambiente escolar e um excelente conteúdo para trabalhar a pedagogia citada acima. Por que não utilizar do mesmo para conscientizar a comunidade escolar a se trabalhar com os esportes adaptados?

Para Greguol e Costa (2005, p. 496)

O esporte adaptado pode ser definido como o esporte modificado ou especialmente criado para ir ao encontro das necessidades únicas de indivíduos com algum tipo de deficiência. Podendo ser realizado de forma integrada, em que indivíduos com deficiência ou não praticam e competem juntos, ou de forma segregada, em que os deficientes praticam ou competem separados daqueles ditos normais. Entretanto, a educação física deve se apropriar e abordar esse conteúdo em sala de aula (independentemente de ter ou não pessoas com deficiência na escola), pois através dele é possível levar reflexões e inquietações que extrapolam não só o componente curricular, mas adentram questões sociais pertinentes na nossa sociedade.

Percebam as possibilidades múltiplas de se trabalhar com os esportes adaptados na escola, podemos refletir sobre acessibilidade, oportunidades de trabalho, preconceito, lei, transformar as regras dos esportes, usar e abusar da criatividade, podemos chamar esses alunos para o centro do processo formativo, onde eles falem qual a melhor forma de conduzi-los, orientá-los (sentindo-se à vontade, é claro). Todos esses ensinamentos, não só atendem o que

se imagina para um conteúdo de Educação Física, mas ultrapassa a barreira de um componente curricular, os torna, cidadãos críticos e questionadores dos problemas da nossa sociedade, e por que não até agentes transformadores dessa sociedade tão desigual.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Primeiramente, sobre a faixa etária, 56,4% dos alunos participantes responderam ter entre 15 a 17 anos, enquanto 43,6% afirmaram ter entre 18 anos ou mais. Quando questionados se algum professor durante sua trajetória escolar já trabalhou com os esportes adaptados, 64,1% afirmaram que não e 12,8% não lembravam, e, apenas 23,1% dos alunos asseguraram que sim, que algum professor já havia trabalhado com os esportes adaptados.

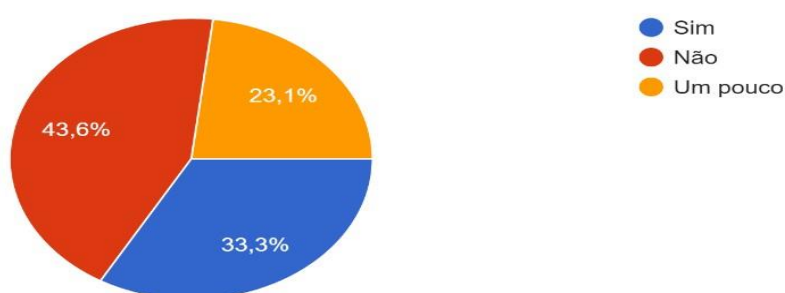
Estes dados chamam atenção, uma vez que a maioria dos alunos desta turma deixariam o ensino básico sem ter nenhuma vivência na área dos esportes adaptados se não fossem as intervenções que por nós, foram propostas. Porém, esta situação não é incomum, onde na pesquisa recente de Scarpato e et. al (2020 p. 48), citam a insegurança dos professores de Educação Física de trabalharem com a temática: “(...) 75% (n=6) dos professores afirmaram não se sentirem preparados para a ação adequada, listando como principais dificuldades: falta de experiência, escassez de materiais, estrutura inadequada ou falta de acessibilidade.”

O Ministério do Estado da Educação e do Desporto, traz na portaria nº 1.793 de 1994, no Art. 1º a recomendação da disciplina “Aspectos ético-políticoeducacionais da normalização e integração da pessoa portadora de necessidades especiais”, tanto nos cursos de pedagogia, psicologia e licenciaturas. Deste modo, compreende-se também a inclusão de disciplinas voltadas para a educação inclusiva também dentro dos cursos de licenciatura em Educação Física, onde os professores devem ter seu primeiro contato com os esportes adaptados, porém, de um modo a não se limitar somente a esta vivência, procurando sempre novas possibilidades para não haver desculpas de falta de experiência.

Outro fator importante, foi que quando questionados sobre a importância de se trabalhar com os esportes adaptados, após nossas intervenções 61,5% relataram ser muito importante, enquanto 33,3% indicaram importante, onde nenhum aluno marcou as opções “sem relevância” ou “pouco importante”. O que demonstra que mesmo com o pouco tempo e poucas atividades desenvolvidas (pela questão da carga horária da disciplina) os alunos passaram a compreender a relevância social de se trabalhar com a temática.

Buscamos também promover reflexões acerca do dia a dia dos alunos, para fazer com que eles tivessem um pensamento crítico com o ambiente que frequentam, se colocando no lugar do próximo. Em uma das intervenções, foi proposto aos alunos que caminhassem em duplas por ambientes que frequentam pelo colégio, sendo que um da dupla estaria vendado e o outro seria o guia, e na metade do percurso, eles trocariam de posição. Quando questionados se sentiram medo ou insegurança em realizar a atividade, os alunos responderam da seguinte forma:

**Figura 1 – Medo ou insegurança ao realizar a atividade proposta**



Nesta questão, foi preciso estudar as respostas individualmente para poder interpretá-la. Nela, trouxemos também a pergunta do motivo de sentirem medo, ou não. Após a análise, três pontos se destacam: 43,6% dos alunos indicaram não sentirem medo ao fazer a vivência, mas ao observarmos as respostas do porquê não sentir medo, pelo menos 3 alunos afirmaram que não participaram da prática. Ou seja, o gráfico apresenta uma margem de erro pela questão de 3 alunos não terem participado, mas respondido à questão.

O segundo ponto que se destaca, é que os alunos que não sentiram medo, indicaram que foi pela confiança que tinham em seu guia. E, o terceiro ponto, é que em divergência dos alunos que não sentiram medo pela confiança no guia, estão os alunos que apontaram insegurança ao participarem, justificaram se sentirem vulneráveis a condução da sua dupla:

Eu não sabia se estava no caminho certo, tava com medo de pisar errado e cair e também tive que confiar em outra pessoa para me orientar, o que me gerou insegurança, pois não tem como saber das intenções alheias (resposta questionário 9)

Falta de confiança naquele que não seja eu (resposta questionário 24)

As respostas quanto ao motivo que levou a insegurança, também estavam acerca da questão da visibilidade, como afirmam estes alunos:

Porque você acaba ficando "sem visão" de uma hora para a outra, realmente é assustador (resposta questionário 5)

Pelo simples fato de não ter a visibilidade das coisas. A insegurança de não saber aonde está indo (resposta questionário 29)

Pelo fato não vemos para onde estamos indo (resposta questionário 25)

Posteriormente, questionamos se o Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito possuía acessibilidade para acolher pessoas com deficiência, 38,5% dos alunos responderam que não, 30,5% afirmaram que sim e 30,8% responderam que parcialmente. Essa questão podemos também correlacionar a anterior, onde os alunos que sentiram medo ou insegurança afirmaram o seguinte:

Porque na hora de subir as escadas e degraus não tinha sinalização. (resposta questionário 35)

(...) a escola não tem um suporte para pessoas com deficiência. (resposta questionário 6)

Em seguida, analisaremos duas perguntas que constavam no questionário em conjunto, pois, foi perceptível pelas respostas dos alunos que elas se relacionam entre si.

A primeira pergunta foi se as atividades realizadas ao longo da unidade contribuíram de alguma forma para o seu crescimento pessoal (figura 2). E, para entender melhor a provocação feita, pedimos para que eles ainda na mesma pergunta, justificassem a maneira que ocorreu esse crescimento. Já na próxima pergunta (figura 3) foi questionado se durante as atividades eles conseguiram se colocar no lugar do próximo.

Abaixo, colocaremos os resultados obtidos pelas indagações feitas:

**Figura 2 – As atividades contribuíram de alguma forma para seu crescimento pessoal?**

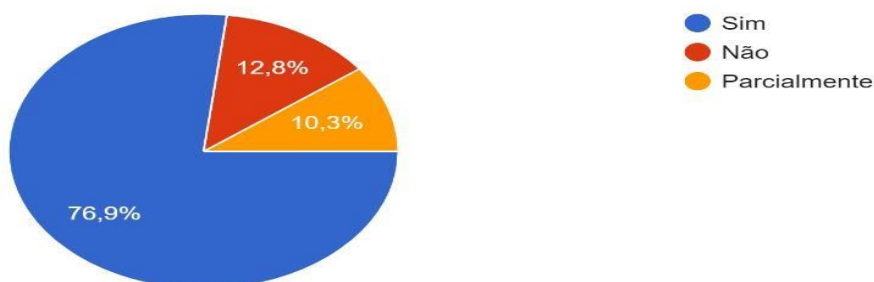
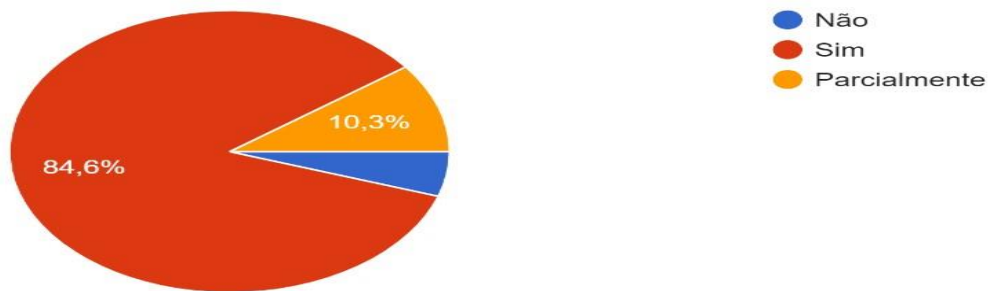




Figura 3 - Através das atividades, você conseguiu se colocar no lugar do próximo?



Ainda sobre a figura 2, ao perguntarmos de qual maneira aconteceu o crescimento pessoal, os alunos justificaram:

Me coloquei no lugar das pessoas pcd e pude refletir sobre as dificuldades diárias enfrentadas por essa população. (resposta questionário 4)

Se colocando no lugar do próximo e pensando maneiras de melhoras para aquela situação. (resposta questionário 6)

Entendendo que nem todas as pessoas tem um mar aberto de oportunidades e inclusão, me fez pensar muito nessa questão e no que as instituições fazem para abranger a certos grupos, fornecendo uma experiência agradável. (resposta questionário 9)

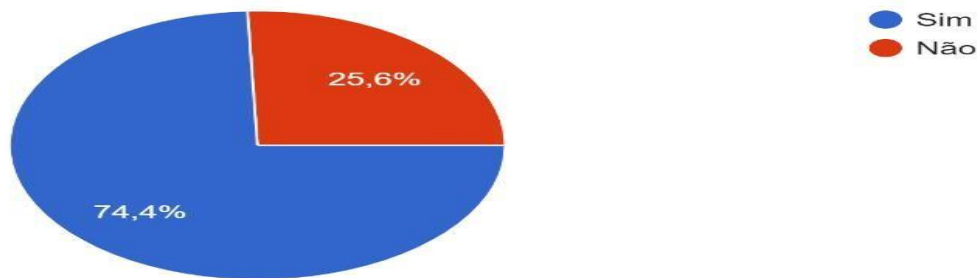
É importante notar que algumas das respostas descritas pelos alunos, corroborou com o resultado da segunda pergunta, pois, para muitos, o crescimento pessoal se deu ao se colocar no lugar do outro. E, acreditamos que os resultados obtidos nessas duas perguntas, são extremamente pertinentes, já que o primeiro passo para a mudança social, seja qual for, é primeiro deixar em muitos momentos a individualidade de lado, é pensar na coletividade, se colocar no lugar do próximo. Tendo em vista que ambas as perguntas se conectam, crescer pessoalmente é se tornar uma pessoa melhor, que esteja disposta a encarar desafios e mudar determinada realidade que não esteja satisfeita ou que julgar ser correta.

Dando seguimento aos resultados da pesquisa, a penúltima pergunta foi feita com relação ao ambiente fora do contexto escolar. E foi a seguinte: O conteúdo Esporte Adaptado provocou alguma reflexão em você sobre algo presente na sociedade? Se sim, de que maneira?

Os resultados foram extremamente positivos, onde 29 alunos (74,4%) responderam que sim e 10 (25,6%) que não houve essa reflexão, conforme o gráfico a seguir:



Figura 4 – O esporte adaptado provocou alguma reflexão em você sobre a sociedade?



Aos que responderam “sim”, as justificativas foram as seguintes:

Experimentado um pouco do que as pessoas portadoras de deficiência passam no dia a dia e como ainda falta muito para vivermos em igualdade em relação as outras pessoas, pois não existem muitas instituições que forneça um trabalho e estrutura suficiente para lidar com tal situação. (resposta questionário 9)

Da forma como os governo não criam projetos de acessibilidade para as pessoas com deficiência (resposta questionário 10)

Com a realização das práticas podemos ter pelo menos 1% da nação do quanto e difícil pras pessoas com essas deficiência não ter acessibilidade em todos os lugares principalmente na escola. (resposta questionário 12)

Eu penso em como foi difícil pra eles lutarem por um lugar no esporte na sociedade preconceituosa de hoje em dia (resposta questionário 13)

Nós ensinando coisas q nós podemos levar para nossa vida pessoal e quem sabe um dia ajudar a alguém que precisa de uma forma mais sábia (resposta questionário 21)

Que é muito difícil pra pessoas com deficiência em lugares sem estrutura, sem inclusão pra elas (resposta questionário 27)

Tubino (2001, p. 19), descreve:

O esporte, para ser considerado uma instituição social, deverá estar organizado socialmente, representar uma forma de atividade social, promover identificações sociais, e, ao mesmo tempo, ao constituir-se num problema social e num problema humano, deve promover valores.

Através das falas acima dos discentes, percebe-se que o problema existe, mas as aulas trouxeram valores, como coletividade, empatia, reflexão etc. O primeiro passo para a mudança de determinada realidade, para além dos pontos acima citados por Tubino, é que os esportes



enquanto instituição da sociedade e que se preocupa com os problemas dela, podem ajudar a resolvê-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada por ocupação de espaços legítimos pelas pessoas com deficiência é longa e árdua. Mas, é preciso que as inquietações existentes pelos professores não fique apenas na fundamentação teórica. Os achados dessa pesquisa demonstrou que foi seguido um caminho para minimizar os problemas encontrados durante o processo de ensino-aprendizagem. Os alunos tiveram experiências que os motivaram para a saída da zona de conforto. A partir das reflexões construídas no processo, espera-se a melhora do senso crítico em relação as pessoas com deficiência, ambiente escolar e a sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério Da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Mec, 2018.

BRASIL, PORTARIA N.º 1793, DE DEZEMBRO DE 1994. **Dispõe sobre a necessidade de complementar os currículos de formação de docentes e outros profissionais que interagem com portadores de necessidades especiais e dá outras providências.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria1793.pdf>. Acesso dia 18 agosto de 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Programa Residência Pedagógica.** Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso dia 03 agosto de 2023.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Educação Física: competência técnica e consciência política: em busca de um movimento simétrico.** Uberlândia, UFU, 1985.

**COLETIVO DE AUTORES/ Metodologia do Ensino de Educação Física/ CORTEZ EDITORA.** São Paulo. 1992

**Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio (v. 2) / Secretaria da Educação do Estado da Bahia.** – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022

GALVAO, M. C. B.; PLUYE, P.; RICARTE, I. L. M. Métodos de pesquisa mistos e revisões de literatura mistas: conceitos, construção e critérios de avaliação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 4-24, 2017.

GOMES, I. M.; ALMEIDA, F. Q.; BRACHT, V. **O local da diferença: desafios à educação física escolar. Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-15, 2010.

GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. **esporte com deficiência.** In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais.** 2. ed. Barueri: Manoel, 2008, p. 532-570

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte** / Elenor Kunz. 6ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. 160 p. – (Coleção educação física).

NICOLESCU, Basarab. **A Evolução Transdisciplinar a Universidade Condição para o Desenvolvimento Sustentável.** International Association of Universities, Chulalongkorn University, Bangkok, Thailand, de 14 de novembro de 1997. Disponível em: < <https://cirt-transdisciplinarity.org/bulletin/b12c8por.php>>. Acesso em: 03 Agosto 2023.

PIANA, M. C. A pesquisa de campo. In: PIANA, M.C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional.** São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 167-210.

SCARPATO, L, C. et al. **Inclusão e o esporte adaptado na educação física escolar: o que pensam os professores da rede pública de ensino?** Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt., Marília, v.21 n.1, p. 45-56, Jan./Jun., 2020

SOARES, Carmem Lúcia et al. **Metodologia do ensino de educação física/coletivo de autores-** São Paulo. Cortez, 1992.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte.** 2ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FERREIRA, Roberto. **Inclusão, Aulas de Educação Física e Esportes Adaptados,** 2012. **IN: O Professor PDE e os desafios da Escola Pública Paranaense.** Governo do Estado do Paraná, Secretaria de Educação, v.1.